

FACULDADES INTEGRADAS FAFIBE

Tatiane Ruchele do Nascimento

Wanderlei Gumieri de Toledo Junior

O MÁGICO DE OZ: O PERCURSO HERÓICO DE DOROTHY

BEBEDOURO

2010

TATIANE RUCHELE DO NASCIMENTO
Wanderlei Gumieri de Toledo Junior

O MÁGICO DE OZ: O PERCURSO HERÓICO DE DOROTHY

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado às Faculdades Integradas FAFIBE como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Espanhol e suas respectivas literaturas).

Orientador: Profa. Ms. Mariângela Alonso

BEBEDOURO

2010

NASCIMENTO, Tatiane Ruchele do.; TOLEDO JUNIOR,
Wanderlei Gumieri de.

O Mágico de Oz: O percurso heroico de Dorothy/
Tatiane Ruchele do Nascimento. Wanderlei Gumieri de Toledo
Junior. --Bebedouro: Fafibe, 2010.

42 f. : il. ; 29,7 cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em
(Letras) Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, 2010.

Bibliografia: f. 39-40.

1. Arquétipo do Herói. 2. Contos de fadas. 3. Literatura Infanto-
Juvenil.

I. Título.

TATIANE RUCHELE DO NASCIMENTO
WANDERLEI GUMIERI DE TOLEDO JUNIOR

O MÁGICO DE OZ: O PERCURSO HERÓICO DE DOROTHY

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado às Faculdades Integradas FAFIBE como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Espanhol e suas respectivas literaturas).

Orientador: Profa. Ms. Mariângela Alonso

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Profa. Ms. Mariângela Alonso
Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro-SP

Professor examinador: Prof. Ms. Alexandre Silveira Campos
Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro-SP

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela saúde e graça de conseguir disposição para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos pais pelo apoio dado ao longo desta jornada de conhecimento, a todos os professores e amigos Alexandre, Dione, Helen, Lais, Kelly pela paciência.

Tenha sempre presente que a pele se enruga, o cabelo embranquece, os dias convertem-se em anos... Mas o que é importante não muda a tua força e convicção não tem idade. O teu espírito é como qualquer teia de aranha. Atrás de cada linha de chegada, há uma de partida.

Madre Tereza de Calcuta

RESUMO

Este trabalho procurará investigar o percurso heróico da personagem no conto de fadas moderno *O Mágico de Oz* (1900), de Lyman Frank Baum. Por meio do itinerário da personagem Dorothy percebe-se a incidência de vários aspectos recorrentes aos heróis presentes nos contos de fadas. Procurando mostrar para os alunos que os contos de fadas, mesmo possuindo em suas bases traços de fantasia, podem seguramente transmitir uma moral e apresentar fatos reais, como a fortuna crítica assinala em relação aos contos de fadas artísticos, lugar que ocupa a obra de Lyman Frank Baum. A natureza deste trabalho é de cópua de pesquisa. Através destes, será analisada a obra *O Mágico de Oz*, de Lyman Frank Baum, averiguando sua importância ao rastrear aspectos arquetípicos do herói dos contos de fadas, e que melhor se enquadraria na fase do leitor crítico (a partir dos 12/13 anos).

Palavras-chave: O Mágico de Oz. O percurso heroico. Conto de fadas moderno.

ABSTRACT

This study sought to investigate the route of the heroic character in the modern fairy tale the Wizard of Oz (1900) Lyman Frank Baum. por middle of the itinerary of the character Dorathy, we find the incidence of several recurrent themes to hero, even though they have in their bases traces of fantasies, they can certainly convey a moral and presents the real facts, as fortune critical points in relation to the artistic fairy tales, which takes place the work of Lyman Frank Baum. The nature of this body of work and pesquisa. Atraves him, the work will be assessed in the Wizard of Oz, Lyman Frank Baum ascertaining its importance to trace aspects of the hero archetype of fairy tales, and that best fits the reader's critical stage (from twelve to thirteen years)

Keywords: Wizard of Oz. The route of the heroic. Modern fairy tale.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1. Conceito Literario de Contos de Fadas.....	9
2. Um caminho possível para a literatura e o ensino.....	15
3. O Percurso Heroico de Dorothy em <i>O Mágico de OZ</i> , de L. F. Baum.....	19
3.1. O ciclone.....	19
3.2. O encontro com os anões.....	20
3.3. Como Dorothy salvou o Espantalho.....	22
3.4. Como foi salvo o Homem de Lata.....	23
3.5. O Leão covarde.....	24
3.6. A cidade maravilhosa de Oz.....	26
3.7. Quem era o Grande Oz.....	31
3.8. Glinda, a bruxa boazinha.....	34
3.9. Em casa.....	35
4. Considerações Finais.....	38
5. Referências.....	39

Introdução

A personagem Dorothy da obra *O mágico de OZ* de L. F. Baum percorre por caminhos imaginários que a levam longe de sua casa no Kansas, através de um ciclone. De início, seu objetivo principal é encontrar o incrível mágico de OZ para ajudá-la a voltar para sua casa, mas seria somente esse o objetivo da garotinha?

Este trabalho tem como motivação pesquisar os caminhos percorridos pela personagem Dorothy, verificando seu percurso e pensando na hipótese de uma criança comum percorrer um caminho parecido com o da menina, usando apenas o imaginário.

Como a obra que estudaremos é uma literatura infanto-juvenil, faremos a princípio um estudo sobre os conceitos literários dos contos de fadas e a seguir, faremos um estudo de um possível caminho da literatura infanto-juvenil no ensino, ou seja, a relação de textos literários dentro da sala de aula (professor-aluno).

Para que este trabalho seja completo, usaremos as análises de grandes autores, como Bruno Bettlheim, Nelly Novaes Coelho, Maria Lúcia Fernandes Guelfi e outros. Espera-se que os objetivos desta pesquisa sejam todos atingidos com sucesso, e que a cada busca feita e concluída, seja uma realização não só para obter um trabalho completo, mas também para que seja uma motivação além, e se torne uma auto-realização.

1. CONCEITO LITERARIO DE CON TO DE FADAS

Nos primórdios, os chamados contos de fadas eram transmitidos oralmente. Tais contos levavam características horrendas destinadas ao público adulto, tinham como propósito o entretenimento dos adultos visando à lição de moral. “Ao que parece, as narrativas faziam parte das poucas formas de diversão dos camponeses, funcionando como uma catarse e trazendo em suas histórias temas como o abandono, o adultério, o incesto, o canibalismo e os assassinatos.”(OLIVEIRA, 2010). Um dos contos escritos por Perrault, *Pele de Asno* (1694), traz consigo essa característica do horrendo destinada aos adultos, como foi dito anteriormente: na história o pai da personagem principal, o rei, deseja casar-se com a própria filha heroína da história cometendo incesto.

Foi somente no século XVII, no período que a família burguesa se firmava na sociedade que a família ficou voltada para a proteção, educação e formação da criança assim uma literatura específica para crianças surgiu, onde esses textos passaram a ser questionados por suas características que muitas vezes não seriam apropriadas para crianças.

No entanto, como nessa época a vida da criança estava integrada à vida dos adultos na política, na vida social ou na força brutal, elas ouviam junto a eles, de maneira indiscriminada, as histórias dos contos de fadas. Como eram vistos como um adulto em miniatura, na primeira infância, eram tratadas sem o mínimo de atenção particularizada ou cuidados, fossem eles de ordem moral ou física. (OLIVEIRA, 2003)

Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm (século XVIII) se dedicaram originalmente à história da linguística alemã, reunindo da memória popular seus contos. Essa dedicação à linguística em 1802, conseqüentemente, passou para a escrita as histórias de conhecimento oral; nessa transcrição para a escrita na edição de 1812 o contexto grotesco dos contos foi eliminado, refinando essas histórias, dando ênfase ao mágico e maravilhoso consagrando, assim, essa literatura às crianças.

“Decepcionados com o tom grosseiro dos contos populares recomendaram um pouco de estratégia para torná-los mais atraentes.” (TATAR, 2004, p.351).

Os contos de fadas se dividem em duas categorias: os contos de fadas populares e o conto de fadas artístico.

O conto de fadas popular se aproxima da fábula com um teor moralizante. A história é narrada em terceira pessoa com um narrador que não participa e nem interfere no desenvolvimento da história. De acordo com Oliveira e Paulo “a literatura infantil surge como uma forma literária menor, atrelada à função utilitário-pedagógica que a faz ser mais pedagógica do que literária”. (2006, p.9). A literatura infantil traz até os dias de hoje marcas do conteúdo didático presente nas primeiras versões dos contos em suas origens de doutrinação.

Constituída de narrativa curta e com poucos personagens onde muitas vezes a personagem dialoga com animais sem causar nenhuma estranheza, por parte do personagem em relação a animais “inanimados” ou situações que fogem da realidade. Há uma ausência de questionamento sobre os seres sobrenaturais e não há dúvida sobre os acontecimentos maravilhosos que se passam na história.

A característica principal do Maravilhoso é a naturalização do insólito, ou seja, a ocorrência de situações ou seres sobrenaturais não provoca qualquer reação nas personagens ou no narrador, que não deve ser necessariamente auto ou homodiegético, e, conseqüentemente, nem no leitor, pois os elementos insólitos estariam inseridos em um universo em que “tudo” é possível. (GARCIA, p.5-6).

Um exemplo pode ser a história conhecida como Chapeuzinho Vermelho, na versão de Charles Perrault:

O lobo perguntou aonde ela ia. A pobrezinha, que não sabia como é perigoso parar para escutar um lobo disse para ele:
 - Eu vou ver minha avó e levar para ela uma torta e um patêzinho de manteiga que minha mãe está mandando .
 - Ela mora muito longe? – perguntou o lobo.
 - oh! Sim, - respondeu Chapeuzinho Vermelho. – É para lá daquele moinho que você está vendo bem lá embaixo, É a primeira casa da cidadzinha.(PERRAULT, 1993, p. 8-9)

Por sua temática oral os textos não têm uma procedência totalmente pura, eles foram adequados a diversas formas de níveis e classes sociais ao longo do tempo, na versão original de Perrault, por exemplo, está presente o contexto grotesco dito anteriormente. Perrault editou vários contos reunidos na narrativa folclórica por camponeses para adaptar a corte do rei Luís XIV (1638-1715). Na história, Chapeuzinho pede uma informação ao lobo e no fim é devorada; a história acaba sem lenhador que a salvasse, “-minha avó, como você tem dentes grandes. – É para te comer. E dizendo estas palavras, o lobo saltou para cima de Chapeuzinho Vermelho e a devorou.” (PERRAULT, 1993, p.22). Em outra versão, o lobo engole a menina e Avó. De forma violenta o caçador abre a barriga do lobo, coloca pedras no interior do animal; o lobo tenta fugir e na fuga morre. O caçador então retira sua pele e leva para casa. A história de Chapeuzinho Vermelho sofreu várias alterações desde os irmãos Grimm a Hans Cristian Andersen.

Indentado: Todavia, mesmo que apresentem característica e contextos diversos, foram conservados através da oralidade, pois a seiva original reflete quase sempre um conflito pré-estabelecido e representativo de uma realidade oriunda, provavelmente, das mazelas diárias das pessoas da camada social menos favorecida. (OLIVEIRA, 2010.)

Mesmo sofrendo alterações o principal objetivo foi mantido, o caráter pedagógico bem como a moral da história: nunca se deve falar com estranhos. Chapeuzinho enfim aprendeu a lição.

E, por fim, aqueles que tiveram uma conduta imoral e anti-heróica serão punidos com a conclusão da tarefa do herói.

Indentado: Antes de serem redigidas, as estórias ou eram condenadas ou amplamente elaboradas na transmissão através dos séculos; algumas estórias misturavam-se com outras. Todas foram modificadas pelo que o contador pensava ser de maior interesse para os ouvintes, pelo que eram suas preocupações do momento ou problemas especiais de sua época. (BETTELHEIM, 1980, p 34).

A outra categoria que se segue é o conto de fadas artístico, objetivo principal desta pesquisa. O conto artístico caracteriza-se por ser uma narrativa mais extensa, possuindo mais personagens. O conto artístico não foca a narração somente do

personagem principal (o Herói), mas há espaço para o desenvolvimento de personagens secundários. Este conto se aproxima do conto literário, não possuindo somente descrições de fantasia, mas de realidade, abordando temas que são recorrentes no determinado momento que a narração é constituída. Mesmo se embasando em alguns aspectos do conto popular, o conto de fadas artístico possui distinções com o conto tradicional, nele se encontra marcas do autor. Mas é indispensável tanto no conto popular como no conto artístico o aparecimento de uma dificuldade com uma procura pela solução do problema. O cronotopo aparece mais determinado a história não fornece uma data precisa dos acontecimentos, mas dá indicio do período em que ocorre o desenvolvimento da história, e são abordados temas reais, por exemplo, a fome. Podemos citar *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, *O Mágico de OZ*, de L. Frank Baum, obra a ser trabalhada no processo desta análise.

Tzvetan Todorov, em *Introdução à literatura fantástica* (1992), define o Fantástico como sendo “a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 1992, p. 31). Esta hesitação estaria presente na narrativa, seria expressa pela voz das personagens, principalmente pela da personagem-narrador, sempre auto ou homodiegético, e contaminaria o leitor. A hesitação do leitor é apontada por Todorov como sendo a marca principal do Fantástico. (GARCIA, p. 5-6)

Levando em conta as especificidades levantadas pela crítica a respeito dos contos de fadas, consideramos que o conto artístico não apenas se enquadra para as crianças, uma vez que por sua capacidade de reflexão pode ser direcionado também a adultos.

O conto de fadas claramente não se refere ao mundo exterior, embora possa começar de forma bastante realista e ter entrelaçados os traços do cotidiano. A natureza irrealista destes contos (a qual os racionalistas de mente limitada objetam) é um expediente importante, porque torna óbvio que a preocupação do conto de fadas não é uma informação útil sobre o mundo exterior, mas sobre os processos interiores que ocorreram num indivíduo. (BETTELHEIM, 1980, p. 34)

Em *O Mágico de OZ*, de L.F. Baum, a construção artística dá início a uma condição real: a menina Dorothy morava com seus tios em uma fazenda nas planícies do Kansas, Estados Unidos.

A principal distinção dos contos artísticos é o problema existencial do herói e da heroína, sendo assim, as personagens de tais contos saem da situação real e vão confrontar seus problemas em um mundo mágico. “Os contos de fada têm uma estrutura que reflete os traços humanos mais gerais.” (FRANZ, 2002, p.21). No caso específico de *O Mágico de OZ*, Dorothy é engolida junto com a casa por um furacão, traço de realidade presente no conto, visto que os furacões eram/são constantes no estado do Kansas. A obra apresenta aspectos realistas como o hábito, gosto e descrição detalhada da feição dos personagens que não são tão delineados no conto de fadas popular.

A casa rodopiou duas ou três vezes e subiu devagarinho no ar, como se fosse um balão. Os ventos do norte e do sul, que pareciam ter briga marcada, na planície, depois de se encontrarem na casa de Dorothy, que ficava bem no centro do ciclone, elevaram-na lentamente no ar e a transportaram a quilômetros e quilômetros de distância. (BAUM, 1900, p.8).

Saindo da realidade e caindo literalmente no mundo de fantasia, a personagem irá enfrentar no decorrer de sua jornada problemas existenciais, com um único desejo, o de voltar para casa.

Dorothy, depois de levar os sapatos para dentro, disse:

— Estou doida de vontade de voltar para minha casa — mas lembrou-se de que não saíra da casa — para junto de meus tios. Devem andar preocupadíssimos. Quem me dá uma ajuda? (BAUM, 1900, p. 15).

A obra *O Mágico de OZ*, pode ser considerada uma das que melhor representa o percurso do herói na literatura infanto-juvenil. Nele a personagem Dorothy afronta seus problemas interiores num mundo externo destituído de realidade, complexidade psicológica da personagem, que não consegue se encontrar interiormente, e tem um único desejo. Esse desejo que a move a enfrentar seus maiores temores e problemas contextualmente no sentido auto reflexivo: “Na

análise psicológica, no lirismo, aprofunda-se com um senso do que há no homem de infantil, mas também, de complicado, retorcido, utilizando as sugestões da psicanálise, do surrealismo e da antropologia.” (CANDIDO, 1983, p.11).

O Maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Essa tem sido a conclusão da psicanálise, ao provar que os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo do seu amadurecimento emocional. (COELHO, 2003, p.54)

A evasão da realidade é a forma do personagem lidar com seus problemas, uma vez que este busca na fantasia aquilo que na realidade tem dificuldade para lidar. Trata-se aqui da ideologia de fugir de seus problemas desesperadores. Bettelheim (1980, p.82) afirma que os contos de fadas proporcionam imagens na qual a criança pode exteriorizar o que passa em seu consciente. No final da prova ao concluir suas tarefas em consequência de sua boa conduta moral a personagem é recompensada. O mágico apresenta outra visão que a personagem tem de sua realidade é outra forma da personagem ter contato com as dificuldades e provações que ela tem que enfrentar, segundo Bettelheim (1980, p.34) o conto de fadas artístico fornece para o leitor, a resposta dos seus enigmas com o decorrer da história.

2. UM CAMINHO POSSÍVEL PARA A LITERATURA E O ENSINO.

Para atingir integralmente suas propensões consoladoras, seus significados simbólicos e, acima de tudo, seus significados interpessoais, o conto de fadas deveria ser contado em vez de lido. Se ele é lido, deve ser lido com um envolvimento emocional na estória e na criança, com empatia pelo que a estória pode significar para ela. Contar é preferível a ler porque permite uma maior flexibilidade. (BETTELHEIM, 1980, p.185).

Os jovens estão cada vez mais interligados ao mundo da tecnologia, mundo este, de plena conexão com os objetos eletrônicos, a fim de que os mesmos facilitem suas vidas, deixando tudo mais rápido, interessante e moderno. Percebe-se, neste âmbito, a dificuldade do professor de literatura em cumprir o papel de ensinar e fazer com que os alunos tenham gosto pela leitura, pois um dos grandes desafios da docência é fazer parte da transformação dos adolescentes sem perder o foco da aprendizagem. Neste sentido, as palavras de Coelho (2000) são esclarecedoras:

Seguindo a ordem de ideias acima expostas, e defendendo a literatura infantil como agente formador, por exemplo, chega-se à conclusão de que o professor precisa estar “sintonizado” com as transformações do momento presente e reorganizar seu próprio conhecimento ou consciência de mundo. (COELHO, 2003, p.18).

Para que um indivíduo adulto sinta prazer em ler uma obra literária é necessário que ele a conheça desde a fase infantil, para que assim, possa desenvolver o gosto pela leitura, pois é nesta fase que as crianças usam a imaginação, criando fantasias através do grande sistema de linguagem que é a literatura.

Como forma de expressão artística, a literatura é parte integrante de um processo cultural (...). Para expressar um problema básico do ser: experiências de vida, desejos, sonhos, angústias, medos,

preocupações, perplexidades diante dos mistérios da vida e da morte (...). A literatura é um desses sistemas especiais de linguagem. (GUELF, 1996, p.135)

A obra literária deve ser construída pela própria vivência do leitor, sendo ele adulto, ou ainda criança possibilitando a interação texto-leitor. Porém, o texto direcionado às crianças, precisa possuir uma linguagem adequada ao desenvolvimento de cada fase.

Para um jovem se interessar por um determinado texto, é necessário que o mesmo chame sua atenção, contendo temas de seu interesse e de acordo a sua maturidade. Um estudante de nível fundamental passa por transformações físicas e psicológicas, ou seja, ele está em um processo de crescimento. Portanto, é preciso que o professor transmita ao aluno um conteúdo literário de acordo com sua realidade, utilizando recursos atrativos e modernos.

De maneira lúdica, fácil e subliminar, ela [a literatura] atua sobre seus pequenos leitores, levando-os a perceber e a interrogar a si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, suas aspirações suas necessidades de autoafirmação, ao lhe propor objetivos, ideais ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação no mundo que os rodeia. (COELHO, 2003, p.123)

Geralmente, a criança e o jovem conseguem obter uma relação com a literatura e seus personagens em si, dentro da escola, que é um lugar que possui livros diretamente ligados aos alunos. A escola é um espaço privilegiado para a criança, e é através desta, que a criança adquire conhecimentos e o contato com diversas obras literárias. Mesmo que os alunos das escolas estejam desinteressados em ler, é indispensável para os estudantes a disciplina literatura infanto-juvenil, pois é por meio da escola e dos professores, que os adolescentes conhecem o texto literário e possivelmente aprendam a gostar de ler. “A literatura constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados.” (CAMINHA, 1985, p.105)

Os conhecimentos adquiridos através da literatura refletem não só na fase infantil, mas também na fase adulta de um indivíduo. Isso torna aquele simples leitor infantil

em um leitor fluente enquanto adulto, trazendo para si conhecimentos múltiplos e enriquecendo-se a nível culturalmente.

Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (...) Espartilhada em hábito, a leitura torna-se passível de rotina, de mecanização e automação, semelhante a certos rituais de higiene e alimentação (...). (CAMINHA, 1985, p.106-107)

Pode ser que a criança se interesse por livros ao ver um adulto lendo e, principalmente, quando este é um indivíduo próximo, como seus pais e professores. Isso causará interesse para as crianças e possivelmente despertará curiosidades, de modo que também irá ler. Os resultados serão adultos leitores.

A discussão sobre leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê. (CAMINHA, 1985, p.108)

Também é importante que o professor conheça os alunos com quem está trabalhando. Quando um educador reconhece seu público alvo, ele consegue manter uma relação estabelecida entre professor-aluno e os conteúdos literários, ultrapassando as dificuldades e obstáculos enfrentados em sala de aula. Neste sentido, o objetivo principal é alcançado, o texto literário passa a ser bem recebido pelo jovem aluno que já possui um crescimento literário.

A literatura induz o indivíduo a perceber o relativismo das verdades, sempre a serviço de interesses de grupos e classes, levando-o à compreensão de que até mesmo valores éticos e formas de comportamento são construídos culturalmente, podendo, por isso mesmo, serem criticados e reconstruídos permanentemente. (GUELFY, 1996, p. 137).

Os contos de fadas, por exemplo, constituem-se de uma literatura infantil que chama a atenção das crianças, podendo gerar conflitos internos, ajudando-as no

desenvolvimento de sua maturidade. Porém, cada conto e cada leitura trazem resultados de formas diferentes em cada criança e em diversas fases de suas vidas, fazendo-nos perceber cada vez mais a importância da literatura infantil.

De acordo com Bettelheim (1980, p. 189), contar um conto de fadas para uma criança sem a intenção de enriquecê-la em experiência, transforma-o num conto admonitório, pois um dos grandes méritos desta literatura é atingir diretamente o inconsciente da criança.

Durante séculos, os contos de fadas foram passados e refinados por várias gerações, porém, as crianças absorvem a leitura e os personagens de modo semelhante e até mesmo real. A criança entende que um adulto precisa passar por desafios difíceis, mas também encontrar grandes aventuras.

Bruno Bettelheim aponta os estudos de Jean Piaget, os quais mostram que o pensamento da criança permanece animista até a idade da puberdade, ou seja, seus pais e professores lhe dizem que as coisas não podem sentir e agir, mas ela pode fingir acreditar nisto para não ser ridicularizada, ou até para agradar os adultos.

Ensinar literatura infantil é introduzir o aluno no mundo literário. Diante do exposto, apostamos na hipótese de que seja a partir do leitor crítico (12/13 anos) que devemos trabalhar a obra *O Mágico de OZ* de L. F. Baum. A referida obra constrói-se como um conto artístico, aproximando-se da história literária. O conto artístico, no caso *O Mágico de OZ*, por ser mais extenso, possuir mais personagens e ser de linguagem um pouco mais elaborada, talvez não seja apropriado para crianças de etapas menores, e sim para o leitor crítico, que já possui um senso crítico mais apurado. De acordo com Karin Volobuef, os contos artísticos são portadores de ideias, e seus textos se afastam do conto popular por serem dotados de uma dimensão alegórica que extrapola a simplicidade do conto tradicional e, pela complexidade psicológica dos personagens.

O conto de fadas artístico busca a originalidade na abordagem e profundidade do tema, na elaboração do estilo, na variedade de conteúdo etc. Caracteriza-se, em geral, pelo emprego esteticamente mais elaborado dos elementos mágicos (que adquirem muitas vezes um sentido alegórico, podendo ser uma camuflagem para a exposição de um conteúdo realístico, por vezes de acentuado teor satírico). (VOLOBUEF, 1993, p. 104).

3. O PERCURSO HERÓICO DE DOROTHY EM O MÁGICO DE OZ, DE L. F. BAUM.

3.1. O CICLONE

Dorothy vivia com seus tios nas planícies do estado do Kansas, cercada por uma paisagem triste, onde tudo era cinza, desde as planícies até a feição das pessoas. Sua tia Em, já havia deixado para trás a aparência alegre e aderido ao feitiço triste e sombria do lugar. “Tia Em levava sustos incríveis com o riso alegre da menina e olhava espantada para Dorothy, sem entender como a sobrinha podia ser alegre num lugar tão triste.” (BAUM, 1900 p.7). A personagem Dorothy é uma menina alegre e radiante e não vive de acordo com o mundo sem cor a sua volta. A cor representa o interior dos personagens, a paisagem seca e triste influencia nos gestos e feições dos personagens refletindo se em seu exterior. Bettelheim (1980, p.348) afirma que os contos de fadas são espelhos que nosso interior reflete em nosso processo de imaturidade para a maturidade, e para alguns, os acontecimentos que se desenvolvem no conto refletem nossa própria imagem.

Dorothy passara por três estágios: o primeiro é quando ela se separa de sua casa, o segundo é o processo de maturação, onde a personagem vence o medo e todos os desafios e por fim, a realização dos seus desejos e a concretização de seus anseios. A representação da realidade no maravilhoso, não choca o personagem diante dos problemas que se desenvolvem com a história, temas como sofrimento e morte são citados no texto sem que a personagem principal se comova com o tema grotesco.

Para exteriorizar seus problemas interiores, Dorothy vivencia suas dificuldades em um mundo destituído de realidade, onde nessa transição do mundo real para o mágico, a menina é separada da situação real por um fenômeno também verdadeiro; os tornados, que eram/são constantes no estado do Kansas. Dorothy é engolida junto com sua casa e seu cachorro por um ciclone, separando se da

situação real e caindo no fantástico mundo de OZ, um mundo repleto de magia totalmente distante do contexto real que ela deixou.

Muitas vezes, essa representação de temas mágicos que trazem um sentido alegórico a obra, é uma camuflagem para um teor realista. Segundo Bettelheim (1980, p.156), quando a criança sofre uma decepção e desapontamento, ela tende a abandonar todas as energias refugiando-se dentro de si e afastando-se do mundo, a espera de fatores mágicos que venha à sua ajuda.

Então, um fato muito esquisito aconteceu.

A casa rodopiou duas ou três vezes e subiu devagarinho no ar, como se fosse um balão.

Os ventos do norte e do sul, que pareciam ter briga marcada, na planície, depois de se encontrarem na casa de Dorothy, que ficava bem no centro do ciclone, elevaram-na lentamente no ar e a transportaram a quilômetros e quilômetros de distância. (BAUM, 1900, p.8).

Assim, a heroína da história, Dorothy, começa sua jornada heróica em busca de suas respostas interiores, no qual ela não se deparava no mundo real e cinzento em que ela vivia. A garota precisava de fatores mágicos para encontrar a si mesma e também encontrar respostas para seus anseios. Nesta busca pela solução de seus problemas, a personagem irá fazer uma viagem, desempenhando-se em suas tarefas, contando com a ajuda de fatores mágicos e benfeitores como fadas madrinhas e bruxas boas.

Todos nós temos uma jornada a seguir, um percurso heróico de amadurecimento e autoconhecimento, uma busca solitária onde deparamos com o dragão e temos de derrotá-lo. Durante essa trajetória, trabalhamos com os diferentes tipos de arquétipos que marcam a nossa jornada, ajudam-nos a encontrar as nossas vozes, os nossos talentos e, assim, contribuimos com o mundo. (PEARSON, 1986, p. 112).

3.2. ENCONTRO COM OS ANÕES

Nesse processo de transição, Dorothy, junto com a casa e seu cachorro Totó pousam suavemente na terra de OZ, um mundo totalmente diferente em que ela

deixara para trás, repleto de alegria e cores. “— Ah! — Seus olhos se arregalaram de espanto ante o espetáculo maravilhoso.” (BAUM, 1900, p.10).

Dorothy espantou-se com a maravilhosa paisagem diferente do Kansas, que era seco e cinzento. Nesta ação de mudança, as cores representam o processo de transição dito anteriormente, comparando-se ao mundo em que Dorothy estava habituada, mundo este sem cores e triste, o qual fica para trás, pois ela encontra novas cores e a realidade que ela procura a verdadeira alegria.

Ao caminhar pelas terras estranhas em que se encontrava se deparou com pequenas criaturas que andavam em sua direção, felicitando-a por ter destruído a terrível bruxa do leste. “— Bem-vinda seja ao País dos Anões, ilustre feiticeira. Imensa é a nossa gratidão por teres eliminado a malvada Bruxa do Leste, libertando o nosso povo.”(BAUM, 1900, p.12).

Espantada Dorothy replicou dizendo que seria incapaz de fazer mal a alguém.

— É bondade da senhora, mas deve haver ura engano. Nunca matei ninguém.

— Então foi a tua casa — replicou a velhinha com uma risada. — Mas dá tudo na mesma. Olha só! — A velhinha apontou para um canto. — Lá estão os dois pés da bruxa, debaixo daquela viga.

Dorothy olhou na direção indicada e deu um gritinho de susto. Bem debaixo duma das vigas que sustentavam a casa, repontavam dois pés, calçados em sapatos prateados de bico fino.(BAUM, 1900, p. 12).

Confusa, Dorothy sabia que já não estava mais no estado do Kansas, pois no Kansas não havia bruxas e contestou com a bruxa boa do norte a quem os anões haviam chamado para dizer que a bruxa malvada do leste havia morrido.

Dorothy, depois de pensar um pouco, observou:

— Mas Tia Em me disse que as bruxas tinham desaparecido há muitos anos.

— Quem é Tia Em? — indagou à velhinha.

— É a minha tia que mora em Kansas, de onde estou chegando.

A Bruxa do Norte pensou um pouco, olhando o chão.

— Nunca ouvi falar desse lugar. É civilizado?

— Claro, claro — respondeu Dorothy.

— Ah, estou entendendo: não existem mais bruxas nos países civilizados. Nem feiticeiras. Nem mágicos. Mas o Reino de Oz, sabe, nunca foi civilizado: ainda temos bruxas e mágicos.

— Que mágicos?(BAUM, 1900, p.14).

“OZ! Retrucou à feiticeira, ele é o grande Mágico de OZ, mais poderoso que todos nos juntos e vive na Cidade das Esmeraldas. Ele pode te ajudar a voltar para casa.

— Mas como vou chegar lá?

— Terás que andar muito. A viagem é longa. Tens de passar por um país que às vezes é bonito, outras escuro de dar medo.” (BAUM, 1900, p.15).

“Siga a estrada de tijolos amarelos não tem erro e vai chegar a Cidade das Esmeraldas, e sem rodeio conte sua historia ao grande Mágico de OZ, leve consigo os sapatos da bruxa do leste, os anões dizem que tem um grande poder, mas não sabem qual.” (BAUM, 1900, p.16).

Em consequência de sua boa índole a personagem consegue a ajuda de um benfeitor no caso a bruxa boa do norte, carregando consigo um objeto mágico (sapatos).

Nesta fase de iniciação Dorothy com seu fiel amigo totó, é guiada pelo arquétipo do nômade onde a personagem se separa das condições iniciais que se encontrava deixando para trás todos os medos que afligiam, enfrentando os obstáculos que vão surgindo ao longo do percurso, a fim de cumprir sua tarefa e conseguir realizar seu maior anseio, o de voltar para casa. Bettelheim(1980, p.32) afirma que é no desenvolvimento da leitura do conto de fadas que a criança procura encontrar sua identidade desenvolver e aprimorar seu caráter.

3.3. COMO DOROTHY SALVOU O ESPANTALHO

A menina Dorothy orienta-se agora pelo arquétipo do guerreiro onde ela deixa para trás tudo que a oprimia a fim seguir sua jornada heroica de amadurecimento, para isso precisara de inteligência, amor e coragem, para enfrentar os problemas que vão surgindo ao longo do percurso.

Esta é a mensagem que os contos de fadas transmitem a criança de forma múltipla: que uma luta contra a dificuldades graves na vida é

inevitável é parte intrínseca da existência humana – mas que se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas muitas vezes injusta, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (BETTELHEIM, 1980, p.14)

Na jornada de amadurecimento da personagem, ela encontra três companheiros, que representaram as três abstrações concretas daquilo que a personagem Dorothy busca: a coragem, o amor e a razão, que a seguem a fim de pedir ao Mágico de OZ o que precisam.

O conto de fadas começa com herói à mercê dos que os desprezam e às suas habilidades, que o tratam mal ou mesmo ameaçam sua vida, como faz a rainha malvada em “Branca de Neve”. A medida em que a estória s desenrola, o herói é frequentemente forçado depender de amigos que o ajudam[...]. (BETTELHEIM, 1980, p. 159).

O primeiro é o Espantalho que tem a cabeça cheia de palha e decide seguir Dorothy para pedir um cérebro ao grande Mágico de OZ.

— Tive uma idéia: se eu for com você até a Cidade das Esmeraldas, será que o Grande Oz me dará um cérebro para pensar?
 — Não posso garantir isso — respondeu logo a menina. — Mas vamos raciocinar um pouco: mesmo que Oz não satisfaça o seu pedido, você não tem nada a perder com a viagem. (BAUM, 1900, p. 23).

3.4 COMO FOI SALVO O HOMEM DE LATA

Continuando sua jornada o próximo a seguir Dorothy foi o Homem de Lata a quem a menina ajudou.

— Você gemeu? — perguntou Dorothy.
 — Gemi — respondeu o Homem de Lata. — Há mais de um ano estou gemendo, sem que ninguém me socorra.
 — Posso fazer alguma coisa por você? — perguntou a menina, emocionada com a voz triste do homem.

— Passe um pouco de óleo nas minhas juntas — respondeu ele. — Ficaram tão enferrujadas que nem posso mexê-las. Depois de bem lubrificado, ficarei bom novamente. (BAUM, 1900, p.31)

Dorothy explicou o caminho que seguira a fim de pedir ao Mágico de OZ que a ajudasse a voltar para casa, e que o espantalho a seguira pelo mesmo motivo; pedir ao grande Mágico que desse um cérebro a ele. O Homem de Lata então resolve seguir o mesmo caminho, para pedir ao grande mágico um coração.

durante o ano que passei imobilizado, pude compreender uma verdade: de tudo o que perdi, era o coração que me fazia mais falta. Ninguém pode amar sem coração. É por isso que resolvi ir ao Grande Oz. Se conseguir o que desejo, volto para casar-me com a linda moça do País dos Anões. (BAUM, 1900, p.34)

Juntos, Dorothy totó e seus novos companheiros seguem pela estrada de tijolos amarelos, para chegar a Cidade das Esmeraldas.

3.5 O LEÃO COVARDE

O terceiro e último a seguir Dorothy e seus novos amigos é o Leão medroso, a quem o grupo encontra no caminho da floresta. O Leão covarde decide então segui-los em direção a cidade a Cidade das Esmeraldas, para fazer um pedido ao Mágico de OZ; se o grande Mágico pode dar um cérebro, um coração, e fazer Dorothy voltar para o Kansas, porque não ajudaria a conquistar a coragem que falta a ele.

Todos os outros animais esperam que eu seja corajoso, pois o leão é considerado o Rei dos Animais. Até me disseram que bastava eu rugir com força para que todos saíssem de minha frente. Quando encontro um homem, levo um susto danado; mas dou o meu rugido, e ele foge em disparada. Se o elefante, o tigre e o urso tivessem a coragem de enfrentar-me, eu fugiria logo de tão covarde que sou; mas, quando ouvem o meu rugido, fogem antes e eu nada faço para impedi-los. (BAUM, 1900, p. 38-39)

Continuando a viagem ao grande Mágico de OZ, Dorothy, totó e seus companheiros decidiram acampar para descansar, não encontrando nenhum lugar para repousar, decidiram acampar debaixo de uma árvore. O leão preocupado com Dorothy, pela falta de alimento propôs caçar um veado para ser assado na fogueira, suplicando o homem de lata pediu que não o fizesse, pois não queria chorar.

Assim que o sol raiou o grupo continuou sua jornada em direção a Cidade das Esmeraldas. Depois de meia hora de caminhada encontraram um abismo que separava as duas partes da floresta, “— Que podemos fazer? — indagou a menina. — Não tenho a menor idéia — replicou o Homem de Lata.” (BAUM, 1900, p.42).

Por um instante todos ficaram desanimados sem encontrar uma solução de atravessar o penhasco achando que a viagem havia acabado ali, até que o espantalho teve uma ideia a de que o leão com um salto levasse todos em segurança ao outro lado do abismo.

— Acho que serei capaz de saltar — disse o Leão Covarde, depois de calcular mentalmente a distância.
 — Então está tudo resolvido — afirmou o Espantalho — pois poderá levar-nos na garupa, um de cada vez.
 — Bem, não custa tentar — disse o Leão. — Quem será o primeiro?
 — Eu — respondeu o Espantalho. — Se você errasse o pulo, Dorothy morreria na queda, o Homem de Lata iria arranhar-se todo nas rochas do fundo, mas comigo não aconteceria nada. (BAUM, 1900, p.42)

Após transportar todos em segurança para o outro lado do abismo onde a floresta era fechada e sombria, o grupo ficou aflito pelos ruídos que se escutavam na floresta; aqui é a terra dos Kalidas retrucou o Leão; “— São animais monstruosos com corpo de urso e cabeça de tigre. Suas garras são tão afiadas que podem me massacrar com a mesma facilidade com que eu mataria Totó. Morro de medo dos Kalidas.” (BAUM, 1900, p.43).

Continuando sua caminhada o grupo se deparou com outro abismo no caminho, esse mais largo tornava impossível, que o Leão saltasse e levasse todos para o outro lado.

Sentaram-se para discutir o problema e o Espantalho brilhou novamente:

“— Olhem aquela árvore enorme, na beira do abismo. Se o Homem de Lata conseguir derrubá-la, teremos uma boa ponte.

— Genial! — exclamou o Leão. — Quem não soubesse, chegaria a pensar que você tem um cérebro dentro da cabeça, em vez de palha.” (BAUM, 1900, p.43).

Quando o grupo estava transportando a ponte improvisada um novo problema surgiu, ouve-se os ruídos e duas feras corriam em direção a eles, “— Depressa! — gritou o Espantalho.” (BAUM, 1900, p.44). Todos atravessaram correndo para o outro lado, o Leão covarde mesmo com medo voltou para enfrentar os Kalidas, mas percebendo que estava em desvantagem atravessou o outro lado desesperado, então o espantalho tivera outra ideia, pediu para que o homem de lata cortasse a extremidade da árvore que se encontrava do lado do abismo afim de não deixar que os Kalidas atravessassem, quando os Kalidas estavam no meio da ponte improvisada a árvore num estrondo caiu levando as feras para o fundo do abismo, deixando Dorothy e seus companheiros aliviados.

3.6. A CIDADE MARAVILHOSA DE OZ

Afastando-se da sombria floresta, o grupo seguia em direção a Cidade de OZ, no caminho para cidade o grupo vai enfrentar outro problema; atravessar um campo de papoulas, sabendo que as papoulas causam sono e podem levar até a morte, o grupo ficou intrigado pensando como fariam para atravessar, pois era o único meio de chegar aos portões da cidade.

— E se isso não for possível? — indagou Dorothy.

— Eu nunca terei coragem.

— Eu nunca vou ter um coração.

— E lá se foi o meu cérebro.

— E eu nunca mais verei Tia Em e Tio Henry — finalizou Dorothy, pondo-se a chorar. (BAUM, 1900, p.74).

O Espantalho refletindo sobre o obstáculo que surgia diante de si teve outra idéia: como eu e o Homem de Lata não somos de carne e osso não sentimos os efeitos da papoula, mas Dorothy, totó e o Leão sim, como não aguentaremos carregar o Leão por ser muito grande: o Leão deve correr o máximo que puder e sair do campo, assim não cairá sobre o efeito da flor; em disparada o Leão correu para não cair sobre o efeito da papoula, caminhando pelo campo Dorothy foi cada vez ficando mais sonolenta até que dormiu o Espantalho o Homem de Lata carregaram Dorothy e totó que também havia adormecido para o fim do campo e quando estavam chegando ao final do tapete de flores viram que o Leão não havia aguentado e adormeceu, “Mesmo para a robustíssima fera, o aroma das flores fora violento demais. Nem percebera que alguns metros adiante começava a relva que nenhum mal lhe teria causado”. (BAUM, 1900, p.50). Como não tinham força para carrega-lo o grupo esperou uma solução, “— É pesado demais — disse o Homem de Lata, melancólico. — Teremos de deixá-lo aqui, dormindo por toda a eternidade. É capaz de sonhar que encontrou a coragem”. (BAUM, 1900, p.51).

Quando estavam chegando ao final do campo em sua direção um gato do mato em disparada corria atrás de um rato, o Homem de Lata com pena de tão pequeno animal sendo perseguido pelo animal, com uma machadada cortou a cabeça do gato do mato, a rata agradecida replicou dizendo que era a rainha dos pequenos roedores e que ficara muito grata pelo homem de lata ter salvado sua vida, e se haveria alguma forma de agradecer por tão gentileza, o Homem de Lata pensou: se a senhora e rainha dos ratos tem muitos servos certo, então poderia chama-los e ajudar a tirar nosso amigo do campo de papoulas, sem rodeio a rainha dos pequenos roedores convocou todos para essa missão de salvamento, com a ajuda do Homem de Lata que fez uma carreta de madeira, os pequenos roedores puxaram o Leão para fora do campo.

Por numerosos que fossem os bichinhos mal conseguiram arrastar a pesada carreta, mas com a ajuda do Homem de Lata e do Espantalho acabaram levando o Leão para longe das perigosas papoulas.

Dorothy agradeceu-lhes com entusiasmo, pois tornara-se grande amiga do Leão Covarde.

Desatados da carreta, os camundongos dispersaram-se pela relva, cada um para sua casa. A Rainha dos Pequenos Roedores foi a última a partir, avisando:

— Se precisarem novamente de nós, é só chamar. Adeus!

— Adeus! — responderam todos. (BAUM, 1900, p.56).

Retomaram a jornada, pisando com prazer a relva verde e macia, e não demoraram a achar o caminho da Cidade das Esmeraldas. O calçamento agora era perfeito, a paisagem alegre, e grande o sentimento de alívio que dominava os viajantes. (BAUM, 1900, p.57).

O grupo cada vez mais se tornava esperançoso, pois no céu já podia se ver o reflexo esverdeado que reluzia do Reino de Oz. Após atravessar a muralha verde que ficava entorno da Cidade, no final da estrada de tijolos amarelos avistava-se um enorme portão cravejados de esmeraldas o brilho era tão intenso que ofuscava os viajantes. Ao tocar a campainha o enorme portão se abriu dando entrada a um salão reluzente repleto de esmeraldas, recebidos por vários anões que tinham uma cor esverdeada igual a da Cidade. “O recepcionista perguntou-lhes o que vinham fazer na Cidade das Esmeraldas.

— Estamos procurando o Grande Oz — respondeu Dorothy.” (BAUM, 1900, p. 62).

Com muito custo o grupo conseguiu adentrar no palácio e obter uma audiência com o Grande Mágico de OZ, entrando numa grande sala Dorothy ficou encantada com a magnificência da sala do trono, onde tudo era verde com pedras de esmeraldas e ao centro ostentava-se um grande trono de mármore verde, sem deixar de notar Dorothy observou em cima do trono uma cabeça enorme.

A cabeça moveu-se lentamente e tomou uma expressão severa de exame. A boca mexeu-se e Dorothy ouviu uma voz que dizia:

— Sou Oz, o Grande! O Terrível! Quem é você?

A voz assustadora era digna da Cabeça mais que gigantesca. A menina criou coragem e respondeu:

— Sou Dorothy, a Pequena! A Boazinha! Quero ajuda. (BAUM, 1900, p. 68).

Olhando fixamente a menina o Mágico olhou para os sapatos da menina perguntando onde ela havia conseguido, “— Eram da malvada Bruxa do Leste. Fiquei com eles depois que a minha casa caiu em cima dela.” (BAUM, 1900, p.68). Por fim Oz perguntou o que eles desejavam dele, sem volta, Dorothy começou a explicar o que havia acontecido e que seu maior desejo era voltar para o Kansas

para junto de sua tia Em e seu tio Henry, e o mesmo se sucedeu com os três companheiros da menina cada um tinha um pedido para fazer ao Mágico, mas para a aflição e desapontamento do grupo o Mágico só realizaria os pedido se a bruxa malvada do oeste fosse destruída.

- E agora, pessoal? — perguntou Dorothy, desolada.
- Só há um recurso — respondeu o Leão. — Vamos voltar ao País dos Anões, procurar a Bruxa Malvada e eliminá-la.
- E se isso não for possível? — indagou Dorothy.
- Eu nunca terei coragem.
- Eu nunca vou ter um coração.
- E lá se foi o meu cérebro.
- E eu nunca mais verei Tia Em e Ti Henry — finalizou Dorothy, pondo-se a chorar. (BAUM, 1900, p.72-73).

Guiada pelo arquétipo do guerreiro Dorothy está disposta a enfrentar os problemas que vão surgindo a fim de conseguir que o Mágico realize seus desejos. O grupo não vê outra maneira se não encontrar a bruxa malvada e exterminá-la.

Prosseguiram viagem para oeste onde o sol se põe e onde encontrariam a malvada feiticeira.

Caminhando pelos campos o grupo notara que já não havia mais casa no local e que a paisagem se tornara branca.

A bruxa que somente tinha um olho, mas que esse era tão poderoso que com um telescópio avistou de longe a menina e seus amigos. Enraivecida a bruxa convocou todos os lobos para que eles eliminassem o grupo; partindo como um raio os lobos seguiram em direção a Dorothy e seus amigos, como o Homem de Lata e o Espantalho não dormiram perceberam a aproximação dos lobos, compreendendo o perigo o lenhador com seu machado decepou com um golpe os lobos que se aproximavam, “Eram ao todo quarenta lobos, e todos tiveram a mesma sorte; no final, um monte de lobos mortos jazia ao lado do Homem de Lata.”(BAUM, 1900, p.76).

Ao despertar Dorothy percebeu a pilha de lobos sem cabeça que jazia ao seu redor, o homem de lata relatou o que havia se sucedido à noite. Após uma refeição o grupo retornou sua caminhada, em direção à bruxa malvada, essa no despertar viu os corpos mutilados dos lobos e enfurecida mandou corvos para transformá-los em

picadinho, “Os corvos lançaram-se em formação cerrada sobre Dorothy e os companheiros. A menina teve medo, mas o Espantalho procurou tranquilizá-la. [...]” (BAUM, 1900, p. 76).

Num ato de bravura o Espantalho torceu o pescoço dos corvos que se aproximavam. “Eram quarenta corvos e, assim, o Espantalho torceu quarenta pescoços e acabou erguendo uma grande pilha de corpos. E os teimosos amigos recomeçaram a jornada.” (BAUM, 1900, p.76).

Furiosa e insistente a bruxa mandou os Pisca-Piscas para liquidar o grupo. Desta vez era o leão que interviria pelo grupo; com um rugido estrondoso, o Leão espantou todos que depressa recuaram para o castelo. Ainda mais raivosa a bruxa arrancava seus cabelos.

Mas as dificuldades e batalhas que o grupo enfrenta estão longe de acabar. A bruxa sempre disposta a colocar obstáculos não cessa enquanto não ver o grupo liquidado e convoca os Macacos Voadores.

— Ordeno que destruam os estranhos que invadiram o meu território, menos o Leão. Quero a fera viva para ser o meu cavalo.

— Suas ordens serão obedecidas.

Todos os macacos levantaram então vôo com enorme algazarra na direção de Dorothy e dos companheiros. (BAUM, 1900, p.78-70).

Quando os Macacos Voadores vem à proteção de sua benfeitora a bruxa boa do norte em Dorothy ficam impossibilitados de fazerem mal a ela, não encontrando outro meio decidem levar Dorothy até o castelo da bruxa malvada e essa saberia o que fazer.

Ao dar com os sapatinhos de prata, começou a tremer de medo: conhecendo muito bem o encanto dos mesmos, quis, de início, fugir para longe, mas, olhando melhor a menina, compreendeu que, na sua candidez, Dorothy não tinha noção do poder extraordinário que lhe conferiam os Sapatos de Prata.(BAUM, 1900, p. 80-81).

Como não havia modo para destruir Dorothy, a bruxa malvada resolveu fazer de Dorothy sua escrava trabalhando incansavelmente no castelo, a fim de roubar-lhe os sapatos mágicos colocando obstáculos e vigiando a menina, esperando uma brecha para se apoderar dos sapatos.

Furiosa com as ordens da bruxa malvada Dorothy agarra um balde cheio de água e despeja em cima da bruxa.

— Veja só o que você me fez! — gritou a malvada. — Vou ficar toda derretida.

— Queira me desculpar, queira me desculpar — disse Dorothy, assustada, ao ver a bruxa dissolver-se como um torrão de açúcar.

— Não sabia que a água é a morte para mim?

— Claro que não; a senhora não me disse nada.

— Ai! Ai! Estou desaparecendo! Você será a dona deste castelo. Nunca poderia imaginar que uma menininha me destruísse. Oba!... Lá vou eu! (BAUM, 1900, p.83).

Cumprindo sua tarefa Dorothy totó e o Leão que estava aprisionado no castelo, resolveram ir atrás dos outros companheiros, o Homem de Lata e o Espantalho a fim de reclamar ao mágico de Oz a realização das promessas que ele havia feito se o bando cumprisse com a tarefa imposta. No dia seguinte, quando todos já estavam juntos o grupo decidiu partir novamente em direção a Cidade das Esmeraldas.

3.7 QUEM ERA O GRANDE OZ.

Retornando a Cidade das Esmeraldas, imediatamente o grupo foi falar com o Grande Mágico de Oz. Diante da sala do trono Dorothy e seus companheiros se colocaram em posição para reclamar os desejos que o Mágico havia prometido.

— O senhor prometeu que me mandaria de volta para Kansas, caso destruíssemos a Bruxa Malvada do Oeste.

— A mim prometeu um cérebro para pensar.

— E a mim, um coração.

— E eu iria ganhar a coragem que me falta.

— É verdade que a Bruxa Malvada foi destruída? — indagou a Voz, um pouco trêmula.

— É verdade — respondeu depressa a menina. — Eu mesma a derreti com um balde d'água. (BAUM, 1900, p.93).

Espantados o grupo chegou a pensar que OZ não realizaria seus desejos, pensando em apavorar o Mágico o Leão deu um rugido estarrecedor, quando por trás de um biombo que havia caído saiu um pequeno homem com pele enrugada e aparência frágil, “— Quem é o senhor? — Sou Oz, o Magnífico, o Terrível — respondeu o velho com voz trêmula. — Não me bata, por favor! Farei tudo o que me pedir.” (BAUM, 1900, p.93). Triste e espantado o grupo logo percebeu que ele não era Mágico algum mais sim uma grande vigarista que mentiu e enganou as pessoas por tanto tempo que as convenceu de que era um terrível e grande Mágico. Desanimados o grupo pensou o que seria dos seus desejos, como Dorothy voltara para casa e como o resto do grupo conseguira o que almejava.

O velhinho sem demora explicou que morava não muito longe do estado do Kansas em Omaha que um dia viajando num balão acabou parando na terra de OZ, como todos pensaram que era um grande mágico deixou que eles acreditassem, e até propôs a construção da Cidade das Esmeraldas, mas verdade não sabe nada de mágica era apenas um truque o que ele fazia e de fato morria de medo das bruxas malvadas.

O Espantalho pensou o que será do meu cérebro agora?! Então explicando o Mágico lhe disse que isso não era necessário, pois uma criança nasce com cérebro, mas não sabe usá-lo, com o tempo ele vai adquirindo conhecimento e formando sua inteligência; o próprio espantalho mostrou aspectos desta evolução na jornada que fez até a Cidade das Esmeraldas, com planos muito engenhosos ele resolveu e achou solução para todos os obstáculos que surgira em sua frente. Podemos citar: “Sentaram-se para discutir o problema e o Espantalho brilhou novamente: — Olhem aquela árvore enorme, na beira do abismo. Se o Homem de Lata conseguir derrubá-la, teremos uma boa ponte.” (BAUM, 1900, p.43).

“— E a minha coragem? — perguntou o Leão, ansioso.” (BAUM, 1900, p.97).

Coragem você já tem retrucou Oz, o que lhe falta é confiança, para acreditar nas suas capacidades, na viagem você provou que era o rei dos animais diante os perigos mesmo achando-se medroso enfrentou os inimigos para salvar seus companheiros: “O Leão, apesar do medo, voltou-se para enfrentar os Kalidas e lançou um rugido tão feroz que Dorothy deu um grito de pavor e o Espantalho caiu de costas. Os próprios monstros pararam e olharam para o Leão, admirados”.

(BAUM, 1900, p.44). A verdadeira coragem não se denomina em colocar medo nas pessoas, mas sim enfrentar os problemas que surgem no caminho.

E o Homem de Lata na viaje demonstrou mais que nenhum a bondade que uma pessoa possa possuir;

O Homem de Lata observou que à frente da fera corria um camundongo cinzento e, apesar de não ter coração, sabia que o gato não se comportava decentemente ao perseguir um bichinho tão bonito e inofensivo.

Ergueu o machado e, quando o gato-do-mato passou por ele, decepou a cabeça da fera. (BAUM, 1900, p. 52).

A empatia pelo sentimento dos outros mais do que ninguém prova que ele tem sentimentos e um bom coração.

“— E eu? E eu, ué! Como vou voltar para Kansas?— Isso é um caso a estudar. Conceda-me dois ou três dias para pensar sobre o assunto e procurarei encontrar um jeito de levá-la através do deserto.”(BAUM, 1900, p.98).

O que o grupo precisava era de confiança para acreditar em qualidades que eles já possuíam, mas eram descrentes em relação a elas. Para levantar a autoestima o vigarista, como Dorothy o chamava, apenas deu objetos concretos para dar confiança ao grupo, ao Espantalho encheu a cabeça dele com serragem e alfinete ao Homem de Lata um coração feito de seda, para o Leão deu uma liquido para beber fazendo acreditar que esse lhe daria coragem, mas apenas lhe garantiria confiança na coragem que ele sempre obteve. O trio saiu confiante da sala do trono.

O Espantalho contou-lhes que seu cérebro produzia idéias maravilhosas; não podia divulgá-las porque só ele, e mais ninguém, era capaz de entendê-las. O Homem de Lata sentia o novo coração, terno e bondoso, pulsar-lhe dentro do peito. O Leão afirmava que seria capaz de enfrentar, com prazer, um exército de Kalidas.” (BAUM, 1900, p.103).

Depois de um tempo Oz encontrou um meio para levar Dorothy para casa: eu vim com um balão pelo céu você veio pelo céu transportada com sua casa por um ciclone, então o único meio de voltar para o Kansas é voltar pelos céus! “— De que jeito? — Um balão — explicou Oz — pode ser feito de seda” (BAUM, 1900, p.104).

Quando o balão já estava posto em frente ao palácio, para a curiosidade de todos que estavam intrigados Oz começou fazer seu discurso dizendo que iria fazer uma viagem e que o Espantalho ficaria em seu lugar para governar a Cidade, estendendo sua mão para Dorothy que não conseguia conter totó as cordas que seguravam o balão foram se soltando; “— Volte — gritou a menina — também quero ir! — Não posso voltar minha querida... Adeus!” (BAUM, 1900, p.105).

3.8 GLINDA, A BRUXA BOAZINHA.

Sem nenhuma esperança Dorothy chorou muito, perguntando se alguém poderia ajudar?! Quando um soldado atravessou o imenso salão dizendo:

— Há. Uma única pessoa: Glinda.
 — Quem é Glinda?
 — A Bruxa do Sul. É a mais poderosa de todas as bruxas e governa o País dos Quadrinhos. Além disso, o castelo de Glinda fica no fim do deserto. (BAUM, 1900, p.108).

Então na manhã seguinte o Dorothy partiria em direção ao castelo de Glinda, junto com seus companheiros que decidiram ir juntos nesse novo desafio que surgira.

Chegando ao País dos Quadrinhos o grupo avistou uma paisagem bonita e feliz recepcionados por gentis criaturas que lá moravam. Levados a um salão do castelo onde se encontrava a bela bruxa sentada em um trono de rubis.

Sem atraso Dorothy explicou toda suas aventuras dificuldades e provações que passou. “— Meu maior desejo agora é voltar para Kansas, pois Tia Em já deve estar querendo comprar um vestido de luto; e, se a colheita deste ano não foi boa, Tio Henry não poderá aguentar mais essa despesa.” (BAUM, 1900, p.124).

Sorrindo Glinda disse que o poder de voltar para o Kansas para junto de sua família sempre esteve com ela, os sapatos de pratas têm o poder de transportá-la

para onde ela quisesse, e poderia voltar para a casa dès do primeiro dia que chegou no Reino de Oz. “O conto de fadas faz o oposto: ele projeta o alívio de todas as pressões e não só oferece formas de resolver os problemas, mas promete uma solução “feliz” para ele.”(BETTELHEIM, 1980, p.46).

“— Os Sapatinhos de Prata são extraordinários — disse a bruxa boazinha. — Você pode ir a qualquer lugar do mundo dando apenas três passos. Basta bater um salto contra o outro por três vezes e dizer o nome do lugar para onde pretende ir.” (BAUM, 1900, p.127). Despedindo se dos seus amigos Dorothy tomou totó em seus braços e repetidamente batendo um salto contra o outro dizendo: quero ir para junto da tia EM, voltar para minha casa no Kansas. “Suspensa logo no ar, começou a ser levada tão gentilmente que só percebia o vento passando e, pouco depois, rolou pela relva antes de saber onde se encontrava.” (BAUM, 1900, p.127). Após concluir a tarefa que lhe foi imposta à personagem Dorothy fara novamente a passagem, mas dessa vez de volta para casa e deixara para traz a mágia tornando a realidade.

Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance das pessoas apesar da adversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade. (BETTELHEIM, 1980, p.32).

3.9 EM CASA.

Olhando em torno, ficou espantadíssima ao ver estender-se à sua frente a cinzenta planície de Kansas e, poucos metros adiante, a nova casa que o Tio Henry construía. Totó, pulando de seus braços, correu para o curral, onde o tio ordenhava as vacas. (BAUM, 1900, p.127).

Ao pousar Dorothy observou que os sapatinhos haviam caído de seu pé na travessia.

Correndo em sua direção tia Em exclamou: onde você esteve minha queridinha?! “Dorothy respondeu muito séria: — No Reino de Oz!” (BAUM, 1900, p.128).

Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquirir verdadeira identidade. Estas histórias prometem à criança que, se ela ousar se engajar nesta busca atemorizante, os poderes benevolentes virão em sua ajuda, e ela o conseguirá. (BETTELHEIM, 1980, p.32).

Após cumprir suas tarefas Dorothy chega ao final do seu estágio, transportada de volta à realidade por um fator mágico (os sapatos) assim sendo Dorothy volta à realidade destituída de fantasia, mas agora uma realidade feliz. Bettelheim, (1980, p.41) afirma que o conto de fadas deve garantir um final feliz, assim a criança não precisa temer o teor, pois qualquer que seja ela saberá que “viverá feliz para sempre”.

Por meio de seus desdobramentos Dorothy consegue alcançar todas as repostas que lhe faltavam, ao longo do percurso que a personagem faz a menina adquirir conhecimento, coragem e bondade que são representados por seus companheiros. Segundo Bettelheim, (1980, p.100) o conto de fadas tenta passar para a criança que a dor e as provações devem ser suportadas e que todos os problemas devem ser enfrentados, apesar de toda ansiedade e onde a criança adquiriu sua identidade e não haverá dúvidas sobre um final feliz.

— Afinal, Oz não era um mágico tão ruim — observou o Homem de Lata, sentindo no peito as pulsações do coração.
 — Conseguiu arranjar-me um cérebro dos melhores — disse o Espantalho.
 — Se tivesse tomado uma dose da mesma coragem que me deu — observou o Leão — Oz teria sido um homem valente. (BAUM, 1900, p.110).

Dorothy assim como seus amigos possuía tudo aquilo que ela achava não ter e não encontrar na realidade cinzenta onde ela vivia, precisando vivenciar e ter outra visão do mundo para encontrar suas repostas, assim como os três companheiros já possuíam aquilo que eles mais desejavam, mas só precisavam de confiança para

desempenhar e ter certeza dos seus anseios, Dorothy possuiu consigo a viagem inteira, o único meio que a faria voltar para casa, mas esse era desconhecido por ela precisando assim de um terceiro para mostrar os poderes que o sapato tinha.

O conto de fadas, a partir de seu começo mundano e simples, arremessa-se em situações fantásticas. Mas por maiores que sejam os desvios – à diferença da mente não instruída da criança, ou de um sonho – o processo da estória não se perde. Tendo levado a criança à realidade, da forma mais reasseguradora possível. Isto lhe ensina o que mais necessita saber neste estágio de desenvolvimento: que não é prejudicial permitir que a fantasia nos domine um pouco, desde que não permaneça presos a ela permanentemente. No final da estória o herói retorna à realidade – uma realidade feliz, mas destituída de magia. (BETTELHEIM, 1980, p.70).

Passando pelos três estágios para conseguir realizar o que ela mais queria, o primeiro que é transição do mundo real para mágico o segundo o processo de iniciação onde ela adquiriu experiência, desempenhando suas tarefas e por ultimo o processo de transição de volta a realidade onde ela concluiu tudo que lhe foi imposto, carregando consigo suas experiências, completando o vazio que a personagem se encontrava no início.

Assim como ela passa a viagem inteira alheia do poder dos sapatos se ela soubesse não teria adquirido tudo àquilo que ela mais necessitava: amor, coragem e inteligência. Bettelheim,(1980, p.32) afirma, se a criança se engajar na busca por suas respostas que lhe faltam e arduamente resolver seus problemas, os poderes mágicos virão em seu socorro e assim ela conseguira o que almeja.

- Mas se assim fosse eu não teria conseguido meu maravilhoso cérebro!
- exclamou o Espantalho. – Eu iria passar minha vida inteira no milharal.
- E eu não teria meu maravilhoso coração – disse o Homem de Lata.
- Iria ficar na floresta e enferrujar até o fim do mundo.
- E eu continuaria medroso – disse o Leão – e nenhum animal da floresta teria uma palavra amiga para me dizer”. (BAUM, 1900, p.142).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou rastrear o itinerário da heroína Dorothy de *O Mágico de OZ* de L. F. Baum, e está longe de estabelecer conclusões definitivas, mas, apenas um campo fértil com outras análises que com elas possam dialogar. Analisamos os conceitos literários dos contos de fadas, e através desta análise foram apresentados alguns autores consagrados da literatura como Charles Perrault e os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, que são conhecidos nos contos de fadas. Nesta análise, também podemos concluir que os contos de fadas se dividem em duas ideologias: os contos de fadas populares e os contos de fadas artísticos, e que a obra *O Mágico de OZ* se encaixa em uma construção artística, e o percurso de Dorothy pode ser considerado uma das que melhor representa o percurso do herói na literatura infanto-juvenil.

O percurso que Dorothy fez através dos personagens em busca do amor, da coragem e da inteligência, poderia ser o de qualquer criança, em fase de crescimento e conhecimento, usando o imaginário do mundo real para o mundo mágico. Bettelheim (1903, p.32) afirma, se a criança se engajar na busca por suas respostas que lhe faltam e arduamente resolver seus problemas, os poderes mágicos virão em seu socorro e assim ela conseguirá o que almeja. O estudo que fizemos em relação a um possível caminho da literatura no ensino foi de extrema importância para este trabalho, pois através das análises feitas podemos concluir que ensinar literatura atualmente não é fácil, porém, as pessoas geralmente obtêm um contato maior com o estudo literário dentro da escola, mesmo que elas já tenham tido um contato com as histórias em casa enquanto crianças. Este contato com livros infantis na infância é importante para que na fase adulta, o jovem desenvolva o gosto pela leitura, tornando-se um leitor fluente enquanto adulto, trazendo para si conhecimentos múltiplos e enriquecendo-se a nível cultural.

Podemos concluir então, que os objetivos desta pesquisa foram atingidos em suas perspectivas, e que as análises feitas neste trabalho foram obtidas com sucesso ao decorrer dos estudos. Os pontos que foram determinados a serem alcançados trouxeram grandes êxitos, e com certeza, trouxe conhecimentos enriquecedores em nível de literatura.

Referências

ALONSO, Mariângela. **Minicurso: O Mágico de Oz: O Percurso Heróico dos Contos de Fadas**. São Paulo. 2010. p.12.

BAUM, Lyman Frank. **O mágico de Oz**. Trad. Luciano Machado. São Paulo: Ática, 2000.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 366.

CABRAL, Izaura da Silva. RAMOS, Flávia Brocchetto. **Pela narrativa constrói-se um leitor? Estudo do leitor em O mágico de Oz**. Disponível em:<https://www.ucm.es/info/especulo/numero40/magooz.html> Acesso em: 15/09/2010

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
MARTINS, Anna Faedrick. O percurso heróico de Dorothy. *Letrônica*. Vol 1, n. 1, dez/2008, p. 174-186.

COELHO, Novaes Nelly. **O conto de fadas**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003. p. 149

FRANZ, Marie-Louise Von. **A Interpretação dos Contos de Fada**. 3ª ed. Trad. Maria Elci Spaccaquerque Barbosa. São Paulo: Paulus, 1990.

GARCIA, Flavio. **Dos fantásticos ao Fantástico: um percurso por teorias do gênero**. 2010. p.13. Disponível em:<http://www.filologia.org.br/soletras/10/11.htm> acesso em: 03/06/2010

GUELF, Maria Lúcia Fernandes. **Literatura Infantil – Fantasia que constrói realidades**. Educação e Filosofia. 1996. 131-154.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3ed./São Paulo:Ática,1999.

MARTINS, Ana Faedrich. **O percurso heroico de Dorothy**. *Revista Letrônica*. 2008. p.174-186.

OLIVEIRA, Véra Beatriz Medeiros Bertol. **A leitura dos contos de fadas e a formação do leitor**. Maringá. Anais do Canoli. 2008, não paginado.

PEARSON, Carol. **O Herói Interior: seis arquétipos que orientam a nossa vida**. Trad. Terezinha Batista Santos. São Paulo: Cultrix, 1986.

PILLEGGI, Marcus Vinicius. *A Verdadeira Inocência dos Contos de Fadas. Portal da Arcádia.* Disponível em: <http://aosugo.wordpress.com/2008/03/21/a-verdadeira-inocencia-dos-contos-de-fadas/>. Acesso em: 22/03/2010

RADINO, Glória. **Contos de Fadas e Realidade Psíquica. A importância da fantasia no desenvolvimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. Não paginado. Disponível em: http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/anteriores/semiosfera45/conteudo_res_gradino.htm Acesso em: 26/07/2010.

SILVA, Alexander Meireles da. *O conto de fada e a problemática do pertencimento social.* Disponível em: <http://grupopapeando.wordpress.com/2009/01/28/o-conto-de-fada-e-a-problematica-do-pertencimento-social/>. Acesso em: 11/07/2010

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica.** São Paulo: Perspectiva, 1992. p.96.

VILLELA, Joana Raquel Paraguassú Junqueira. **Os contos de fadas no processo de desenvolvimento humano.** Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno12-15.html>. Acesso em: 05/04/2010

VOLOBUEF, Karin. **Um estudo do conto de fadas.** São Paulo: Ver. Let. 1993. Não paginado